UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
LINGUAGEM E CÓDIGOS

EUDILENE DE JESUS COSTA

PERCURSOS DE UMA EDUCADORA NA REGIÃO TRANSAMAZÔNICA EM BRASIL NOVO - PA

BRASIL NOVO – PA
2019

EUDILENE DE JESUS COSTA

PERCURSOS DE UMA EDUCADORA NA REGIÃO TRANSAMAZÔNICA EM BRASIL NOVO - PA

Trabalho de Conclusão de Curso (Memorial) apresentado como requisito de avaliação para obtenção de Grau do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Pará - UFPA/ Campus de Altamira.

Orientador: Prof. Me. Reinaldo de Souza Marchesi

.

BRASIL NOVO – PA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C837p Costa, Eudilene de Jesus
Percursos de uma Educadora na Região Transamazônica em Brasil Novo - PA / Eudilene de Jesus Costa. — 2019.
30 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. Reinaldo de Souza Marchesi
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2019.

1. Memorial. 2. Educação. I. Título.

CDD 370

RESUMO

O tema do referido Memorial é “Percursos de uma Educadora na Região Transamazônica em Brasil Novo - Pa”. O presente trabalho diligenciou fazer um Memorial com intuito de mostrar as mudanças que a educação fez na minha vida. O ser humano enquanto cidadão precisa passar por diversas etapas no desenvolvimento pessoal e intelectual, haja vista que a infância tem a sua contribuição para outras etapas na vida adulta, mesmo que não tenha sido agradável e com boas recordações. A metodologia é abordada a partir da história de vida com descrição narrativa de momentos que vivenciei. Já o objetivo do trabalho é estimular as pessoas a valorizar sua história de vida, quer seja boa ou ruim. Durante o período de construção dos conhecimentos adquiri grandes aprendizagens na assimilação das teorias e práticas no curso de Educação do Campo. Então, afirmo que os resultados foram positivos.

Palavras-chaves: Vida. Memorial. Educação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 6
2. METODOLOGIA 7
3. DESENVOLVIMENTO 8
3.1 Comunidade São Paulo Apóstolo da Região Transamazônica, Brasil Novo – PA. 8
3.2 História da educação da comunidade São Paulo Apóstolo 12
3.3 Infância e escolarização na região Transamazônica 14
3.4 Do campo para cidade: trabalhadora, mãe e estudante 19
3.5 O Curso de Educação do Campo e seus significados em minha vida 21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 29
5. REFERÊNCIAS 30

1. INTRODUÇÃO

Sou aluna da faculdade de Etnodiversidade do Curso de Educação do Campo com ênfase em Linguagens e Códigos da turma do município de Brasil Novo - Pará. O presente trabalho tem como tema: Percursos de uma Educadora na Região Transamazônica em Brasil Novo - Pa. O referido trabalho apresenta um memorial descritivo e de formação, com foco em artigo de graduação com narrações da minha vida pessoal, iniciando a origem na comunidade que nasci e morei por alguns anos quando criança. Na sequência, trago relato da infância no espaço escolar e a inclusão no curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Apresenta-se o Memorial para a conclusão de trabalho por ambicionar que todos possam ter conhecimento dos acontecimentos de uma história de lutas e vitórias. “Essa relação entre a narrativa e o que nela se revela faz com que suscite interpretações e não explicações” (PRADO, et al, 2015, p. 3).

Espera - se que as interpretações sejam feitas de forma a entender que nasci em espaços desprivilegiados por consequência do destino, mas que hoje afirmo que alcancei privilégios proporcionados por uma educação diferenciada. Educação essa que pode mudar o destino de cada um ser humano, e afirmo que os sonhos existem, e para realizar, basta lutar e agarrar as oportunidades, neste caso a oportunidade veio da Universidade Federal do Pará.

Na concepção de Durkheim a educação é como um fator social. Quanto melhor o ensino, melhor para a sociedade, pois quando o homem nasce à sociedade já está organizada com leis, padrões e sistema financeiro, e cabe ao indivíduo aprender, através da educação. Logo, a educação é que nos dá o norteamento do que nos tornamos dentro da sociedade, começando com a família, na qual aprendemos as primeiras noções de educação para viver em sociedade. A educação é uma socialização da jovem geração pela geração adulta, pois o homem, mais do que formador da sociedade, é um produto dela, sendo a educação um bem social (DURKHEIM apud MENDES, 2012).

Em relação à metodologia optamos por história de vida com abordagem descritiva, portanto o meu objeto de pesquisa são relatos de acontecimentos com pessoas, fatos e locais, extraindo desses convívios os significados importantes como, as experiências educacionais e sociais, segundo Pizzani (2012) um histórico da vida reflete sobre minhas conquistas, perdas, barreiras e superações. E a pesquisa bibliográfica está apoiada na fundamentação teórica com auxílio de alguns escritores que tem conhecimentos sobre o referido assunto “memorial”.

O objetivo desse memorial é estimular as pessoas a descrever a sua vida no contexto de formação e vivenciar nessa experiência de relatos pessoais e profissionais de pessoas realizadas.

Este memorial está estruturado da seguinte forma: no primeiro momento relato conhecimentos a partir de referencial teórico. Já no segundo momento descrevo o contexto histórico da comunidade São Paulo Apóstolo, contemplando a educação da comunidade, pois faz parte da minha vida, e na sequencia relato momentos vivenciados dentro e fora do contexto educacional, por último o meu ingressar na Educação do Campo no Município de Brasil Novo - Pará.

2. METODOLOGIA

É, portanto, com satisfação que descrevo este Memorial. Considero que este é um fato histórico da maior importância da minha vida, dando ênfase na educação escolar, crescimento pessoal e profissional enquanto cidadã. Entendendo que em uma perspectiva de gestão democrática e participativa temos o direito de expressar os nossos momentos bons e ruins como referência a outras pessoas. Rocha, em seu conhecimento sobre memorial, conceitua:

> O memorial é um instrumento por meio do qual se faz registro da história de vida e trajetória profissional e, assim, reflete-se elas, dialogando com a formação acadêmica. A memorial nos revela aquilo que acumulamos ao longo da nossa existência e que mantemos como lembrança por alguma razão nem sempre explicita (ROCHA, et al, 2011, p. 84).

Então, podemos expressar os momentos vividos e afirmar o que é memorial. Memorial constitui, pois, uma autobiografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória de vida e a acadêmica profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido. (SEVERINO, 2001). Considerando esses aspectos, o memorial deve ser construído a partir da:

> [...] narrativa da sua própria experiência retomada a partir dos fatos significativos que vem á lembrança. Fazer memorial consiste em um exercício sistemático de escrever a própria história, rever a própria trajetória de vida e aprofundar a reflexão sobre ela (ROCHA, et al, 2011, p.86).

Concordo com Rocha et al, os objetivos citados pelo escritor “escrever” e “rever” a própria história é um momento proporcionado quando optamos para desenvolver um memorial, é um convite a estabelecer um diálogo da teoria com a prática, a partir de nossa própria vida, com nossa voz, pois, como a autora cita, atribuir um sentido mais pessoal e contextualizando alguns momentos de nossas vidas, quer seja profissional ou educacional.

Dessa forma, o memorial serve como um importante instrumento para o processo de formação de cada educando, apresentando a própria história, enquanto vai refletindo e escrevendo sobre o processo vivido.

> [...] Possibilita articular biografia e história. Perceber como o individual e o social estão interligados como pessoas lidam com as situações da estrutura social mais ampla que se lhes apresentam em seu cotidiano, transformando-o em espaço de luta de acatamento, de resistência, de resignação e criação (VASCONCELOS 2000, apud COSTA, et al, 2006, p. 3).

Um memorial resgata a nossa história. Dentre tanto, é um esforço em busca de lembranças para entrelaçar a outras pessoas o nosso existir que estava oculto, com o intuito de aprender a aprender na vida pessoal e profissional.

A história particular de cada um de nós se entrelaça numa história mais envolvente da nossa coletividade. É assim que é importante ressaltar as fontes e as marcas das influências sofridas, das trocas de experiências realizadas com outras pessoas ou com as situações culturais. É importante também frisar, por outro lado, os próprios posicionamentos, teóricos ou práticos, que foram sendo assumidos a cada momento. Deste ponto de vista, o Memorial deve expressar a evolução, qualquer que tenha sido ela, que caracteriza a história particular do autor (SEVERINO, 2001). Se classifica como memorial de formação, segundo Prado:

> Num memorial de formação, o autor é ao mesmo tempo escritor/narrador/personagem da sua história. De modo geral, podemos dizer que se trata de um texto em que os acontecimentos são narrados geralmente na primeira pessoa do singular, numa sequência definida a partir das memórias e das escolhas do autor, para registrar a própria experiência e, como todo texto escrito, para produzir certos efeitos nos possíveis leitores (PRADO, 2015, p. 08).

Nesta perspectiva, a metodologia será desenvolvida com a narração da minha história, apresentando alguns momentos que fui lembrando e que entendo que é importante para o bom desenvolvimento deste trabalho.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Comunidade São Paulo Apóstolo da Região Transamazônica, Brasil Novo - PA

A comunidade São Paulo Apóstolo faz parte do município de Brasil Novo - Pará é uma comunidade que surgiu no ano de 1971 a partir do programa "Integrado de Colonização". Segundo Pereira (2015, p. 58), afirma que:

> Conforme o planejamento proposto pelo Governo Federal se estenderia por 529 quilômetros entre as cidades de Marabá e Altamira e ocuparia uma faixa de dez quilômetros de cada lado da rodovia Transamazônica. Além da distribuição de lotes, previa-se a construção de agrovilas, agrópolis e Rurópolis localizadas em distâncias regulares ao longo da rodovia e a cada cinco quilômetros, uma vicinal, adentrando a floresta, cruzaria a estrada.

De acordo com a citação, a Comunidade São Paulo Apóstolo é uma das vicinais que foi dividida nas proximidades da BR 230 que fica entre Altamira e Rurópolis. O órgão responsável para fazer essa marcação na época foi o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)[1].

Figura 1: BR 230 - Vicinal 17

Fonte: https://www.google.com.br/maps/@. (2019).

Ainda sobre a citação, a vicinal da 17 adentrou quilômetros para dentro, sendo dividido em lotes e doado para os imigrantes que vieram das regiões Nordeste Sul e Sudeste, com intuito de mudanças de vida financeira. Os lotes[2] eram demarcados pelo INCRA, e há pouco Km da entrada da vicinal foi separada uma área onde construiu uma agrovila. Reinkold Stephanis 1976 Apud Pereira descreve como surgiram as agrovilas:

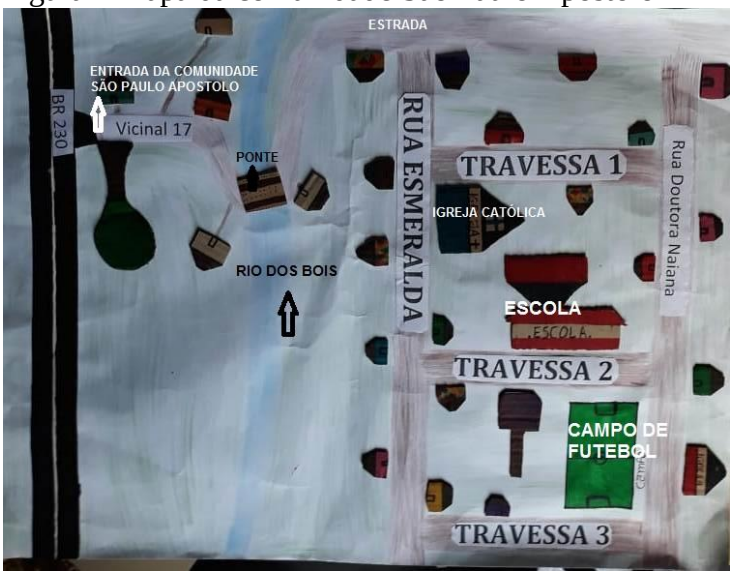
[1] O INCRA foi criado por meio do Decreto-Lei nº 1.110, de 09 de julho de 1970.
[2] Uma área de terra.

> As agrovilas formariam um cinturão em torno das Agrópolis, comunidade onde funcionariam alguns serviços essenciais para o agricultor, com instalações para beneficiamento de produtos, armazéns e pequenos estabelecimentos comerciais, sendo que a cada 40 km da transamazônica haveria uma Agrópolis (2015, p. 57).

Indo mais além dessa citação foram construídas agrovilas em cada vicinal, sendo um local de apoio aos colonos, um espaço que o INCRA construiu casas, escolas, igrejas, armazém, como suporte aos moradores de cada vicinal.

Nos anos de 1986 a 1998, a comunidade era mais povoada, com famílias grandes e bem movimentada. Hoje a comunidade (agrovila) tem poucas famílias e poucas casas, a maioria das terras que foram doadas na época da colonização está em domínio dos grandes latifundiários e é usada para criação de gado, a imagem abaixo é um pequeno mapa da Comunidade São Paulo Apóstolo, nos dias atuais,

Figura 2 Mapa da comunidade São Paulo Apóstolo



Fonte: Eudilene de Jesus Costa (2019).

A Comunidade São Paulo Apóstolo da região Transamazônica não tem registros de como era no início da colonização, mas temos nas memorias de moradores que ainda residem no local. No ensejo de conhecer mais um pouco e de posse de papel e caneta, fui à comunidade conversar com alguns moradores para poder apresentar informações da época de quando fundou a agrovila.

Sendo assim, a primeira pioneira que tive contato foi à senhora Inez[3] Morais com 68 anos de idade, ela afirma que: *Veio no ano de 1972 e ao chegar aqui às famílias ganhavam*

[3] Entrevista concedida por MORAIS, Inez. Entrevista I. [fevereiro. 2019]. Entrevistadora: Eudilene de Jesus. Brasil Novo - Pará, 2019.

suas terras e uma casa na agrovila, mas para chegar a sua terra teria que fazer trilhas com foice, machado e facão, depois fazia a derrubada com motosserra, à mata era enorme e virgem. A água era de difícil acesso, a alimentação era garantida nos seis primeiros meses. Uma vida de muito trabalho, lutas e necessidade financeiras. Tivemos muito trabalho para que a nossa terra fique do jeito que está.

Outro senhor que conversei foi o morador e fundador da comunidade José Pereira Miranda[4] que veio da região do Sul, chegando à comunidade no ano de 1974, com os pais e oito irmãos. O mesmo descreve nomes de alguns pioneiros da comunidade, *senhor Manuel Targinio, Benedito da Silva, Jonas Rodrigues, José Bezerra, Valdemar Ribeiro, Egedio, Cícero Sapatão esses são alguns dos fundadores que fizeram partes desta primeira evolução na comunidade.*

Os nomes citados pelo senhor José Pereira Miranda, não se encontra mais na comunidade, pois com o passar dos anos venderam suas terras para os grandes fazendeiros que chegaram à região.

Hoje, a comunidade trabalha com a produção de cacau, criação bovina, e a agricultura familiar. Segundo Barbosa (2014), *a agricultura familiar é o cultivo da terra realizado por pequenos proprietários rurais,* tendo como mão de obra essencialmente o núcleo familiar. A agricultura familiar da Comunidade São Paulo Apóstolo trabalha com plantio de feijão, mandioca, verduras, frutas, criação de aves, suínos, entre outros, mas o destaque é os latifundiários (fazendeiros) com a criação bovina.

Cabe ressaltar que a comunidade vivencia alguns problemas que vem acompanhando desde a fundação da comunidade, que é a falta de água e as péssimas estradas. Sempre se discutiu esse problema. A estrada fica bem danificada no período do inverno, dificultando o transporte escolar, a exportação de produção agrícola.

Desde o início da abertura da Comunidade São Paulo Apóstolo existe a escola. O nome da Escola é Nova Floresta, não se sabe por que foi dado esse nome a escola, mas sempre foi de muita importância para a comunidade, sendo assim os moradores tem a garantia de que seus filhos pudessem estudar os anos iniciais sem sair da comunidade.

[4] Entrevista concedida por MIRANDA, José Pereira. Entrevista 2. [fevereiro. 2019]. Entrevistadora: Eudilene de Jesus. Brasil Novo - Pará, 2019.

3.2 História da educação da comunidade São Paulo Apóstolo

No ano de 1972 a 1976 muitas famílias vieram das regiões Nordeste, Centro Oeste e Sul para a região Norte. Então, preocupado com os novos moradores dessa região, o governo federal construiu escolas em lugares de fácil acesso.

Na época o governo federal implantou escolas em pequenas comunidades com o intuito de favorecer a leitura e escrita para os filhos dos colonos. Então, a escola da comunidade São Paulo Apóstolo – Km 50 surgiu no ano de 1973 a partir da política do governo federal construída pelo INCRA, na época a escola tinha duas salas, um refeitório, uma cozinha, uma secretaria, um pátio bem grande e todo gramado, muitos pés de manga e castanhola.

A escola existia, mas o problema era a falta de professores para lecionar. Segundo o Miranda[5] *escola existia, mas não tinha professor (a) até que um dia só depois de um ano, chega à comunidade uma senhora que por coincidência era parente dele, e que sabia ler e escrever, logo os pais foi procurar as autoridades e apresentar à senhora Maria Solidade.*

Mediante a fala do senhor Miranda, a senhora citada por ele foi à primeira professora da Comunidade São Paulo Apóstolo. Os pais estavam muito animados por ter uma pessoa que sabia ler e escrever, e que os seus filhos poderiam estar na escola.

Figura 3 – Parte do antigo Prédio escolar e apresentação de trabalhos dos alunos.

Fonte: José Pereira de Miranda.

Desde o ano de 1973, a escola funciona com turmas multisseriadas, já houve época que a escola contemplava duas turmas de multisseries no horário da manhã e duas turmas no

[5] Entrevista concedida por MIRANDA, José Pereira. Entrevista 2. [fevereiro. 2019]. Entrevistadora: Eudilene de Jesus. Brasil Novo - Pará, 2019.

período da tarde. A escola daí por diante nunca mais ficou sem professores, porque a Comunidade São Paulo Apóstolo e a Igreja Católica, sempre lutaram pelos interesses sociais. Assim, os dirigentes iam até os órgãos responsáveis pela contratação de funcionários para atender a demanda da referida escola.

Todos os anos, os moradores da comunidade se reuniam com os membros da escola e da Igreja Católica para conversar e planejar o que ia fazer durante o ano, por exemplo, às datas festivas, comemorações dos pais, dia das mães, dia das crianças e comemoração de alguns aniversários.

Figura 4 – Sala de aula, prédio antigo.

Fonte: José Pereira Miranda.

No ano de 1997, a escola antiga foi derrubada e ganhou nova estrutura, a planta ficou sendo a mesma, e a madeira foi trocada por tijolos e concretos, proporcionando mais conforto para os seus usuários.

Figura 5 - Atual Escola Nova Floresta

Fonte: Eudilene de Jesus Costa. (2019).

A escola funciona com uma turma de multisséries, que contempla desde a educação infantil ao ensino fundamental, até o quinto ano (5º), a turma é composta por doze (12) alunos. A idade dos alunos que compõe essa turma é de cinco a doze anos.

Hoje, a escola já não tem a mesma tradição de antes, pois os pais não são tão presentes como antes, quando pede algum tipo de ajuda, eles afirmam que é responsabilidade do município (Prefeitura Municipal), apesar da escola atender um pequeno número de alunos a ausência dos pais é grande.

Na minha infância, quando estudava na escola Nova Floresta, tinha muitos alunos e os pais sempre estavam presentes na escola. A escola era apreciada por projetos desenvolvidos pela a comunidade, digo, os pais transpareciam ter maior satisfação em contribuir com a escola.

3.3 Infância e escolarização na região Transamazônica

Filha de Ana Maria de Jesus Costa e José Geraldo Oliveira Costa, ambos naturais de Minas Gerais. Segundo eles vieram para essa região atrás de melhoras financeiras, junto com outras famílias, ao chegar aqui foram contemplados com terras na vicinal da 17. Nasci no ano 1982 na Agrovila Novo Floresta, Comunidade São Paulo Apóstolo na mesma vicinal. Nessa época era de costume as mulheres ter filhos em suas próprias casas com ajuda de parteiras. Sou filha de agricultores, meu pai trabalhava na terra para tirar o sustento da família, somos uma família grande de oito irmãos.

Recordo – me algumas lembranças de infância na Comunidade São Paulo Apóstolo, sendo que não são boas. Morava com meus pais e meus irmãos em uma casa de madeira que foi construída pelo INCRA na época da colonização, não tinha quase nada dentro de casa, passamos muita necessidade financeira, tínhamos poucas roupas que nos doavam. O nosso guarda roupa era caixas de papelão ou penduradas em cordas, a mobília da casa era um fogão a lenha e uma prateleira para guardar as poucas panelas.

A miséria era tamanha que nunca esqueci e relembro sempre, daqueles dias longos, pois a fome fazia parte da minha infância, muitas vezes sem ter nada para eu e meus irmãos comer. Os alimentos eram doados pelos vizinhos, cada um oferecia o que podia, trazendo um pouco de alimento, “como eram gostosos aqueles alimentos”.

Meu pai era alcoólatra e minha mãe sofria de uma doença mental que foi adquirida logo após o seu primeiro parto devido as dificuldades enfrentadas no dia a dia, resultando em

problemas psicológicos e no decorrer dos anos ainda teve sete filhos. Muitas crianças para criar e sem condições financeiras e psicológicas para educar, alimentar e dar vestes.

No ano de 1987 ficamos sem casa, devido muitas dívidas, fomos morar em um barraco com cobertura de palha, e fechado com estacas velhas. Com cinco anos de idade, meu pai sem condições de cuidar de tantas crianças, me doou para um casal por nome de José da Silva e Marilete da Silva Zane que morava no município de Medicilândia, minha mãe não queria deixar, mais meu pai era a autoridade da casa, ele justificava a incapacidade mentalmente da minha mãe. Meus irmãos também foram entregues a outras famílias.

Então, fui morar no município de Medicilândia com esse casal, eles tinham uma filha que era um pouco mais velha do que eu e nós duas brigávamos muito, ela tinha ciúmes de mim com os pais dela, não entendia muito bem o que estava acontecendo. Sei que sentia muita falta de meus pais e meus irmãos, mesmo com todas as dificuldades, a saudade daquela simples vida era grande.

Dois anos depois, o casal resolveu me entregar de volta para os meus pais, mas os pais da senhora Marilete, a senhora Dólarina Zane e Antônio Zane, pediu para deixar – me com eles, pois iriam cuidar de mim. Eles moravam na comunidade São Paulo Apóstolo, senti – me muito feliz, estaria na comunidade onde nasci, pensei, agora poderei ver meus irmãos e meus pais, mas não tive oportunidade de viver novamente com a minha família.

De volta à comunidade, tive a oportunidade de ingressar na escola. Comecei a estudar a primeira série no ano de 1989, tinha sete anos, estudava de manhã, e a tarde ajudava com serviços tanto na roça quanto nos serviços doméstico. Na roça, eu era obrigada a ajudar na colheita de café, pimenta, arrancar matos com as mãos nos pastos, descascava e debulhava milho para dar as criações e tratava dos porcos.

Já nos serviços domésticos, tinha que varrer o quintal em volta da casa, lavar as louças e limpar a casa, a tarde era cheio de afazeres, não podia brincar. O meu descanso se dava nas horas que estava na escola. As vezes podia brincar um pouco nos domingos à tarde, não tinha nenhum brinquedo, usava a imaginação para poder sair daquele mundo obscuro, com tantas responsabilidades, sentia falta da vida de miséria que outra hora tive com meus pais e irmãos.

Os anos se passavam e eu quase não tinha contato com meus pais e meus irmãos, sentia muita falta deles, via meus colegas de escola que tinha família e ficava com vontade de ter a minha, mesmo com todos os problemas. Estar naquela família, e não fazer parte daquela família, era muito ruim, sentia-me uma escrava. Além de todos os afazeres direcionados a

mim, ainda era pouco, sentia um imenso vazio no meu coração, não tinha carinho de mãe e nem do meu pai.

As boas lembranças de minha infância na comunidade São Paulo Apóstolo foram na Escola Nova Floresta vicinal 17, neste espaço vivencie momentos bons, pude aprender a ler e escrever, também ter contato com alguns livros, meus materiais escolares era um caderno, um lápis e borracha, carregava em sacolas.

A escola era para mim o melhor lugar, lá poderia ser "eu", meu mundo encantado, meu lugar onde não seria obrigada a trabalhar. Lembro-me do primeiro dia de aula, momento único, a ansiedade misturada com a curiosidade de saber como que é estar em uma sala de aula.

Estar na escola era sonhar em ter um futuro diferente. Todos os dias ia para a escola, não gostava de faltar nas aulas, sempre tirava notas boas nas provas, aprendi a ler e escrever muito rápido. Nunca reprovei, meu boletim escolar era cheio de estrelinhas, era uma maneira que os professores usavam para estimular o aprendizado do aluno. Na escola eu me sentia segura era como se eu estivesse com minha família, brincava no intervalo.

As brincadeiras da época eram rodas, pega-pega, jogar queimada, jogar bola, entre outras brincadeiras, esses momentos ficaram marcados. Na hora do recreio, era o momento esperado por todos. A merenda era arroz com feijão, sopa com charque, farofa, entre outras merendas que na maioria das vezes eram doadas pelos pais. Assim como eu muitas crianças aguardavam esse momento, pois tinha outras famílias carentes na comunidade.

A minha primeira professora da 1ª série foi a Maria José da Silva Balbino. Já na 2ª série foi à professora Benícia da Silva Zane, 3ª série cursei com a professora Tereza de Jesus Miranda, e já na 4ª série foi com a professora Aparecida de Jesus Miranda, devido ser turma de multisseriada em que a professora tinha que atender duas turmas, ela sempre me chamava para escrever no quadro, dizia que minha letra era bonita eu ficava muito feliz em ajuda-la.

A professora pedia para ajudar a corrigir as provas com ela, gostava de todas as professoras, era uma aluna dedicada, fazia todas as atividades rápido e ajudava os meus coleguinhas quando não entendiam. Recebia carinho e atenção, sonhava em ser professora, ambas foi uma inspiração para minha vida, tenho certeza de que isso me incentivou ainda mais a lutar pelos meus sonhos e poder realiza-los.

Lembro-me que aos domingos depois dos afazeres eu podia brincar um pouco, existia uns tambores conhecidos como "cilo" onde eu escrevia com carvão os deveres trazidos da escola para que os colegas copiassem. Era nossa escolinha, eu era a professora e os colegas

os alunos e faziam as tarefas que eu passava. Tudo era muito bom e sempre me incentivou a ir em busca deste sonho.

No ano de 1993, com 11anos, a minha avó materna Dona Helena de Jesus que sempre morou na Comunidade São Paulo Apostolo, foi à casa da família que eu morava e levou-me para morar com ela, pois meu avô Joaquim Dourado estava muito doente e ela precisava de uma pessoa para ajudá-la nos afazeres de casa e cuidar do meu avô. Eu não queria ir, pois apesar de trabalhar muito, sabia que teria comida para mim e poderia ir à escola, o que não seria possível com minha avó, pois achava que se eu soubesse ler e escrever seria suficiente.

Na casa da minha avó, as condições financeiras eram de extrema miséria, não tive opção e fui com ela, no caminho ia pensando que não teria uma boa alimentação, mas teria com quem brincar e conversar com meus irmãos, pois os meus pais moravam bem perto da casa da minha vó. Senti – me segura em saber que estava próximo dos meus pais.

A miséria, a fome não me deixava chateada, mas não poder ir à escola me deixava muito sentida, minha avó interrompeu meu sonho que era continuar meus estudos, afirmava não ter mais necessidade de ir para a escola e que eu já sabia muito. Algumas vezes, via alguns coleguinhas indo para a escola, ficava muito triste.

Depois de um ano morando com meus avós, aos doze anos voltei para a casa dos meus pais. A vida da minha família era a mesma, meu pai trabalhava, mas bebia muito, o dinheiro não era o suficiente para alimentar a família. Os alimentos eram precários ou quase nem tinha, a casa um barraco horrível, no meio do mato sem plantação, muitas vezes sem água, às vezes minha mãe surtava, meus irmãos menores choravam com fome, dia após dia ouvia a mesma coisa.

Meu pai já não conformado por ter eu de volta, sendo mais uma boca, procurou imediatamente outra família para se livrar de mim, logo achou, entregou – me para um casal de fazendeiros, o Senhor Durval Lopes e Iracema Lopes, moravam em outro travessão. Na época tinha 12 anos e mais uma vez tive que viver longe de minha família e passar pelo mesmo sofrimento, trabalho escravo e humilhações, consegui aguentar um ano nessa fazenda, então decidi volta para casa de meus pais mesmo contra a vontade do meu pai.

A vida familiar era a mesma, nada mudara, continuava a mesma situação, uma vida triste, minha mãe doente e sem dinheiro para fazer um tratamento. Os moradores da comunidade sempre sensibilizados com o sofrimento e ajudavam na alimentação. Lembro – me que meus e irmãos pequenos eram todos desnutridos, acredito que nossa sorte era que a natureza sempre foi generosa nos dando algumas frutas da época para se alimentar.

Com quatorze anos, sem motivos para viver, não aguentava mais aquela situação e não poder fazer nada para ajudar, sabia fazer os serviços de casa, mas não tinha aonde trabalhar, a fome já adormecia meu estomago, à noite e o dia não tinha mais sentido. Em meio ao desespero, surgiu um rapaz que me convidou a ir morar com ele, não pensei em nada, fui embora, já não era mais novidades para meu pai e para mim, o ir e vir era frequente.

Pensei, “ele trabalha e tem uma vida estável, então terei uma vida melhor”, assim fui morar com um rapaz por nome de Aleir Wessler, ele tinha vinte e cinco anos e também era morador da comunidade. Não demorou muito engravidei e com quinze anos tive meu primeiro filho. Ser mãe não era o que eu queria, mas sem conhecimento e sem orientação de um adulto aconteceu. Confesso que naquela época eu tinha vergonha de ter um bebe nos braços, via minhas coleguinhas da comunidade indo à escola, ou passando por mim e eu sem poder mais estudar.

Estava com um homem muito bom, não deixava faltar nada para mim e meu filho, tinha uma casa uma família para cuidar, morando na comunidade, sempre participava dos eventos da escola ou da comunidade, vivia muito bem com meu marido e com vinte anos tive outro filho. Quando estava com vinte e dois anos, meu casamento não estava bem, logo houve a separação, então continuei morando na comunidade mesmo separada, fiquei com o meu filho mais novo e o filho mais velho ficou com o pai.

Nesse tempo a situação dos meus pais tinha melhorado um pouco, já que meu pai tinha vendido um juquiral, com ajuda dos moradores minha mãe fez o tratamento e ficou melhor. Depois da separação, meu ex-marido comprou e me deu uma casa perto da casa dos meus pais.

No ano de 2007 a minha mãe passou mal, não resistiu e foi a óbito, foi difícil lidar com a perda, pois foi o único momento que pude está presente na vida dela, meses depois meu pai não quis mais ficar na comunidade e foi morar no município de Brasil Novo com meus irmãos mais novos. Fiquei na comunidade, morando com meu filho que ainda era pequeno, depois de alguns meses, sentindo sozinha, decidi deixar a comunidade e ir morar na cidade de Brasil Novo, pois precisava trabalhar para criar o meu filho, então arrumei as poucas coisas que tinha e fui em busca de melhorias para a minha vida.

3.4 Do campo para cidade: trabalhadora, mãe e estudante

No ano de 2008, já com vinte e cinco anos, mãe de dois filhos e morando no Município de Brasil Novo, com domínio das minhas vontades e responsável pela a criação do meu filho menor, se fez necessário trabalhar, e o local que consegui trabalho foi em um hotel na cidade de Brasil Novo. Passava o dia trabalhando neste espaço, fazendo limpezas, lavando roupas e cozinhando. Na época morava na casa de uma tia, a senhora Marlene Maria de Jesus, então pensei em aproveitar o tempo e estudar a noite, já que existia a EJA.

Então, no ano de 2009 decidi dar continuidade ao estudo, me matriculei na EJA que era 5ª e 6ª série no mesmo ano. Não foi fácil, trabalhava o dia todo e a noite estava cansada, mas precisava ir para a escola. Os professores me ajudavam muito, as dificuldades foram sendo vencidas a cada dia. Chegando ao final do ano, consegui passar, a vontade de continuar prevaleceu. No ano seguinte, em 2010 continuei estudando a EJA, estava na quarta etapa que era a 7ª e 8ª série do fundamental. Também não tinha tempo de cuidar do meu filho.

> A visão de mundo de uma pessoa que retorna aos estudos depois de adulta, após um tempo afastado da escola, ou mesmo daquela que inicia sua trajetória escolar nessa fase da vida, é bastante peculiar. Protagonistas de histórias reais e ricos em experiências vividas, os alunos jovens e adultos configuram tipos humanos diversos. As escolas para jovens e adultos recebem alunos e alunas com traços de vida, origens, idades, vivências profissionais, históricos escolares, ritmos de aprendizagem e estruturas de pensamentos completamente variados. A cada realidade corresponde um tipo de aluno e não poderia ser de outra forma, são pessoas que vivem no mundo adulto do trabalho, com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridos (BRASIL, 2006, p.07).

De acordo com a citação, o meu retorno para a escola, era uma necessidade minha, mas já tinha responsabilidade familiar e trabalhava o dia todo, sendo bem difícil estudar. Mas, consegui vencer e terminei o ensino fundamental no final do ano 2010, uma parte do meu sonho seria concluída no final do ano.

No ano de 2011, continuei com os estudos, neste ano ingressei no ensino médio. Já no primeiro ano me sentia muito feliz, mesmo com o cansaço físico, as dificuldades financeiras e a minha ausência na vida do meu filho. Tinha muita dificuldade em entender os conteúdos das disciplinas, necessitava de ter tempo para estudar, tinha mais disciplinas do que no ensino fundamental. Algumas vezes pensei em desistir, mas os professores me incentivavam muito e ajudava o máximo que podia para que eu não desistisse.

No mesmo ano conheci um rapaz e nesta relação surge uma gravidez sem planejamento, logo no primeiro mês de estudo descobri que estava grávida, fui diagnosticada que se tratava de uma gravidez de risco, tive que me afastar do trabalho. Mas, a patroa continuou pagando um salário menor, os meus familiares começaram a me ajudar financeiramente. Continuei estudando, os professores eram prestativos e me ajudaram a vencer o primeiro ano e a gravidez de risco.

Em 2012 fiz minha matrícula, continuei com os estudos e já estava no segundo ano do ensino médio. Não podia trabalhar, pois o meu filho nasceu com problemas de saúde. Nessa época, o meu pai não bebia mais e me ajudava com o financeiro, então consegui dar continuidade nos estudos e cuidava dos meus filhos. Depois de alguns meses meu pai veio a óbito. Então, veio o desespero, o que fazer da vida, pensei em desistir dos estudos, não tinha ninguém para me ajudar financeiramente e não podia trabalhar, tinha duas crianças ainda muito pequenas. Coloquei meus filhos para estudarem e fui trabalhar no período da manhã enquanto permaneciam na escola.

No mês de maio do mesmo ano, fui deixar meu filho na Creche Tia Luzia, e a diretora me ofereceu um emprego em serviços gerais dentro da própria escola, foi um momento muito feliz, aceitei no mesmo instante. Então, comecei a trabalhar, e lá eu podia ficar mais tempo com meu filho e sobrava tempo para estudar. Dediquei-me mais nos estudos e tinha tempo para fazer os meus serviços em casa e cuidar melhor dos meus filhos. No final do ano consegui passar e sentia-me muito feliz em estar quase concluindo o ensino médio.

No mês de setembro, a diretora da creche, senhora Maria José Balbino mudou meu cargo para professora auxiliar, me colocou para sala de aula com turmas de dois e três anos e que hoje tem aproximadamente um total de 25 alunos na turma a qual ainda permaneço, eu estava quase terminando o ensino médio. A minha maior dificuldade que tive no início era adaptar as atividades em sala de aula, porque quando se trata de criança o cuidado é bem maior a responsabilidade tem que está em primeiro lugar.

Na parte pedagógica também tive algumas dificuldades, pois tinha que fazer projetos para trabalhar durante o mês e plano de aula com sequência didática. As atividades desenvolvidas tendem a contemplar a coordenação motora dos alunos, consegui vencer todas as dificuldades e vai fazer sete anos que trabalho no mesmo local.

No ano seguinte, em 2013 me matriculei no último ano do ensino médio, iniciei com toda garra, sempre conciliando o trabalho, a escola e atenção aos filhos. As dificuldades no estudo existiam, mas sempre buscava ajuda e me esforçava muito e consegui vencer os obstáculos proporcionados nas disciplinas.

No final do referido ano veio o resultado que passei, foi um momento de muita alegria, saber que tinha vencido mesmo com tantas dificuldades, essa vitória era um sonho que se realizava naquele momento. O meu coração disparava, as emoções fluíam, só tinha a agradecer a Deus, pois olhar para trás e lembrar-se das dificuldades e que conquistei o ensino médio, foi muito bom, uma vitória almejada com sucesso.

No ano de 2014, reencontrei meu ex-marido, começamos a nos aproximar, conversamos e reatei o meu casamento, no qual vivemos até hoje, cuidamos dos três filhos com muito amor e zelo. Tenho contato com seis de meus irmãos, residentes nos municípios de Brasil Novo e Altamira, um deles no ano de 2002 foi morar em Rondônia e nunca mais tivemos notícias.

Hoje com 36 anos continuo trabalhando na Educação Infantil como professora, terminando a Faculdade em Educação do campo com ênfase em Linguagens e Códigos pela Universidade Federal do Pará - UFPA, casada, meu esposo possui 47 anos, é autônomo e estudou até a 6ª série do ensino fundamental. Meu primogênito tem 21 anos é casado, concluiu o ensino médio, e os meus dois filhos menores um com 16 e outro com 7 anos de idade vivem comigo e meu esposo, ainda estudando.

Meu contato com o campo hoje é fonte de passeio, mas durante minha formação acadêmica passei a ter um conhecimento mais sistematizado com relação aos sujeitos que ali estão inseridos e sua realidade de vida. Tive conhecimento de minha infância, durante a realização dos Tempos Comunidades e Estágios Supervisionados. Pretendo pôr esses conhecimentos em prática, trabalhando com uma educação diferenciada e respeito a diversidade.

3.5 O Curso de Educação do Campo e seus significados em minha vida

Quando se trata em Educação do Campo, não está só relacionado à educação, mas sim a todo contexto da vida dos moradores do campo.

> O conceito de campo como espaço de vida é multidimensional e nos possibilita leituras e políticas mais amplas do que o conceito de campo ou de rural somente como espaço de produção de mercadorias. A economia não é uma totalidade, ela é uma dimensão do território. Quando a produção de mercadorias é analisada como totalidade, fora da multidimensionalidade territorial, constitui-se numa análise extremamente parcial e, às vezes, equivocada da realidade. É impossível explicar o território como um setor de produção, por mais dominantes que sejam as relações que determinam o modo de produção. Educação, cultura, produção, trabalho, infraestrutura, organização política, mercado etc, são relações sociais constituintes das dimensões territoriais. São concomitantemente interativas e completivas.

> Elas não existem em separado. A educação não existe fora do território, assim como a cultura, a economia e todas as outras dimensões (MOLINA, 2006, p. 30).

De acordo com Molina, o campo não deve ser representado pelo que produz, mas sim por tudo que envolve os seus moradores. A produção do campo é sim importante, mas antes da produção tem seus produtores que tem uma vida familiar, com uma educação informal (região, cultura, entre outras), e também a educação formal que deve ser valorizada e adequada a Educação do Campo.

A Educação do Campo é direcionada a população do campo que são: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, comunidades tradicionais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agraria, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições matérias de existências a partir do trabalho no meio rural, (EVANGELISTA, 2017).

> A educação do campo é tratada como educação rural na legislação brasileira, tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas. O campo, nesse sentido, mais do que um perímetro não urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana (BRASIL, 2012, p. 8).

Mediante a citação de Brasil, a educação do campo é direcionada como educação rural, por entender que a educação é em um espaço que não é urbano, mas a educação do campo contempla uma diversidade de comunidade com culturas bem diferente.

A educação do campo (rural) é amparada pela Lei nº 12.695, de 25 de julho de 2012, encaminhada a partir do lançamento do Programa Nacional de Educação do Campo – Pronacampo (BRASIL, 2012, p. 09).

A escola do campo está situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, ou aquelas situadas em áreas urbanas, que atenda predominantemente a população do campo.

A Educação do Campo tem conquistado melhorias graças aos movimentos de associação de moradores, sindicato, associação de pais, que unindo forças e ido atrás de melhorias para as escolas do campo.

> O movimento reivindica a criação de políticas públicas que priorizem a superação da situação educacional, econômica, política e social da população do meio rural, numa perspectiva que aponte para uma organização pedagógica, curricular, administrativa e financeira que seja do interesse dessa população. Que seja uma educação especifica e diferenciada, voltada aos interesses da vida do campo, mas alicerçada numa concepção de educação como formação humana e comprometida com uma estratégia especifica de desenvolvimento para o campo (ROCHA, et al, 2011, p. 41).

De acordo com a Rocha, os movimentos têm surgidos para reivindicar uma educação que condiz com a realidade do campo, contribuindo para valorização e aprimoramento da inclusão de forma a garantir a permanecia da família em sua comunidade. Neste contexto, Caldart afirma que:

> A identidade deste movimento por uma educação do campo é a luta do povo do campo por políticas públicas que garantam o seu direito à educação, e a uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais (2002, p. 18).

Mediante a essas necessidades humanas e sociais do campo, surgiu a política de educação do campo que destina-se à ampliação e qualificação da oferta de educação básica e superior às populações do campo. Sendo desenvolvida pela união em regime de colaboração com os estados, o distrito federal e os municípios, de acordo com as diretrizes e metas estabelecidas no plano nacional de educação e o disposto nesse decreto (EVANGELISTA, 2017).

Nesta perspectiva, e em discussões em congressos, surgiu o apoio a política de formação a professores das comunidades rurais. Acredita-se que os professores bem preparados ajudarão as comunidades a valorizar seu espaço e as aulas terão mais conhecimentos relacionados à cultura de cada comunidade.

A política de formação inclui Licenciatura em Educação do Campo, mas para que acontecesse esse curso contou com a participação de:

> Todas as Universidades, Secretarias de Educação e demais Entidades e pessoas que estão participando ou apoiando esta nossa articulação por uma educação do campo reconhecem (devem reconhecer) o povo do campo como sujeito das ações e não apenas sujeito às ações de educação, de desenvolvimento, e assumem como sua tarefa educativa específica a de ajudar às pessoas e às organizações do campo para que se vejam e se construam como sujeitos, também de sua educação (CALDART, 2002, p.20).

Mediante a citação de Caldart, podemos afirmar que aqui no estado do Pará a Universidade Federal do Pará não mediu esforços para contribuir com essa política e proporcionar a inclusão do curso de licenciatura em Educação do Campo nesta Região. As parcerias aconteceram aqui no Município de Brasil Novo – Pará.

De acordo o edital de 2013, as vagas eram para as cidades de Abaetetuba, Acará, Anapu, Brasil Novo, Vila do Carmo/Cametá, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba, Placas e Senador José Porfírio[6]. Segundo o edital divulgado pela UFPA, o objetivo da graduação é formar educadores para atender a demanda por docentes para o exercício da profissão desde os anos finais do ensino fundamental até o ensino médio das redes de ensino.

Então, no ano de 2013 houve processo seletivo para a Licenciatura em Educação do Campo Ciências da Natureza no Município de Brasil Novo, mas não tive a oportunidade de me escrever. No ano de 2014 houve a divulgação do edital em Educação do Campo, dessa vez era para Licenciatura em Educação do Campo – Linguagens e Códigos, oferecida pela Universidade Federal do Pará, pensei que seria uma oportunidade para ter o ensino superior, mas seria impossível.

Na época da divulgação do edital a minha prima Cleide soube do curso e comunicou-me, então procurei me informar no Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Municipal de Brasil Novo e na sequência fiz a minha inscrição. Com data marcada fiz a prova que necessitaria para ser avaliada, depois de alguns meses, veio o resultado que tanto esperava. Essa notícia veio de uma ligação da minha prima, afirmando que eu tinha conseguido passar, foi muita felicidade, consegui entrar em um curso superior e na UFPA.

Entrei no site da UFPA e lá tinha a seguinte descrição: *Os candidatos aprovados devem aguardar o lançamento do Edital de Habilitação no site do CIAC. No edital, estarão todas as informações sobre prazos e documentos a serem apresentados para realizar o registro do candidato classificado na UFPA. A matrícula será realizada posteriormente nas faculdades.*

Sendo aprovada, aguardei o dia da matrícula ansiosa, depois de alguns dias fui a Universidade Federal do Pará realizar a minha matricula. A minha felicidade era tanta, estava muito feliz em sentir que o meu sonho estava começando a realizar, momento esse que sempre agradecerei a Deus e a UFPA por me proporcionar tamanha benção a minha vida.

[6] ww2.ufpa.br/imprensa/noticia.

Senti-me ansiosa em saber como seria estudar Licenciatura em Educação do Campo. Sendo que os meus primeiros anos do fundamental tinha estudado em escolas do campo na Comunidade São Paulo Apóstolos, estava sentindo esperançosa em poder estudar no curso. Zanella (2011, p. 07) descreve:

> Os cursos de licenciatura têm a responsabilidade de desenvolver disciplinas que ajudem os graduandos a aprender e conhecer a parte prática da sala de aula, por isso a importância de que, nesses cursos, seja trabalhada a realidade educacional para que os futuros professores estejam preparados para construir o conhecimento junto com seus alunos, o que de fato não vem acontecendo.

No ano de 2015 comecei a estudar no curso de Licenciatura em Educação do Campo, os primeiros dias foram bem difíceis, as metodologias e os trabalhos que os professores passavam eram bem diferente do que outrora tinha estudado no ensino médio. No primeiro semestre, os professores ministravam as disciplinas, mas não entendia era bem complicado, tudo era novo e muito difícil para mim. Por algumas vezes pensei em desistir, logo pensava que não iria ter outra oportunidade.

O que me confortava um pouco era perceber e ouvir dos colegas que também estavam tendo dificuldades em acompanhar a metodologia dos professores, logo comecei a me identificar com alguns colegas e procurando se ajudar. E deu certo, tínhamos mais força para ir em busca dos novos conhecimentos, todos os professores contribuíram, ajudando-nos a sanar as dificuldades.

No decorrer do curso teve alguns estudos com pesquisa direcionada à “Tempo Comunidade”, sendo trabalhos de campo. A proposta foi visitar e fazer estudos sobre a Comunidade escolhida pelo educando ou sua de origem. Então aproveitando a oportunidade de vivenciar algumas horas na comunidade de minha origem São Paulo Apóstolos, optei por direcionar para lá o primeiro Tempo Comunidade.

Durante a pesquisa de Campo me fez relembrar de momentos vivenciados na comunidade, e me proporcionou conversas agradáveis com alguns moradores. Além de visitar a escola e a minha segunda professora que ainda mora na comunidade. Foi inesquecível, pude relembrar de momentos vividos na comunidade e na escola, com o passar dos tempos vieram outras pesquisas e me proporcionaram vários conhecimentos também da realidade de muitas localidades relatadas por meus colegas.

As escolas nas quais desenvolvi os Tempos Comunidades e Estágios Supervisionados tem salas multisseriadas é unidocência, que foram as escolas Nova Floresta vicinal 17, Grande Esperança km 50 e posteriormente na Casa Familiar Rural de Brasil Novo vicinal 14. “A

unidocência ocorre quando um professor é responsável pela condução do desenvolvimento de uma classe multisseriada com vários anos juntos" (SOUZA, 2014, p. 44).

A Licenciatura em Educação do Campo proporcionou-me quatro estágios bem diversificados, em comunidades diferentes, com escolas e turmas diferentes. O primeiro Estágio Supervisionado se deu referente ao 5º Tempo Comunidade realizado na escola Grande Esperança km 50 com as turmas de 6º e 7º ano, sendo 10 horas de observação e 30 horas de regência.

Durante o período de observação, fiquei um pouco assustada com o ambiente, pois para mim era algo novo, já que trabalho com Educação Infantil, a maioria dos alunos não prestavam atenção nas aulas. Enquanto isso, a professora titular da sala se esforçava em contribuir seu conhecimento pedagógico para com eles. Com o passar dos dias fui me adequando com o ritmo da turma e foi tamanha a satisfação de poder assistir essas aulas, adquirindo novos conhecimentos para minha vida acadêmica e profissional.

Já no segundo estágio, que também ocorreu na mesma escola com as turmas de 8º e 9º ano, tive um momento de privilégio que gostei muito. A professora titular da turma teve que se ausentar por uns dias e me pediu para assumir a docência sozinha, tive um pouco de medo, mas aceitei e os resultados foram positivos.

Na turma do 9º ano foi mais trabalhoso, pois tinha um aluno com necessidades educacionais especiais na sala, mas mesmo sem ter formação para aquela situação, consegui aplicar as aulas normalmente. Ressalto que foi uma experiência agradável e de um amplo aprendizado.

Figura 6 – Apresentação de trabalhos com alunos da EMEF Grande Esperança.

Fonte: Eudilene de Jesus Costa (2019).

O terceiro e quarto Estágio Supervisionado foi realizado no Ensino Médio com as turmas de 1º ao 3º ano na Casa Familiar Rural – CFR de Brasil Novo. A escola atende alunos da Zona Rural de vicinais circunvizinhas, possui um ensino diferenciado na base da Pedagogia da Alternância, onde os alunos passam 15 dias em sistema de internato na escola e 15 dias na propriedade familiar.

Desta forma, o aluno pode trazer discussões para sala de aula e depois retornar com possíveis soluções para pôr em prática na agricultura familiar. A contribuição de alimentos é uma parceria entre os pais e a prefeitura municipal de Brasil Novo.

O estágio foi diferente desta vez, fizemos em grupos de colegas da faculdade e dividíamos as tarefas e as aulas a serem ministradas. Foi proveitoso e obtive novas experiências que ficaram marcadas na minha vida pessoal e profissional, foi um dos estágios que mais gostei e me identifiquei muito com a trajetória daqueles alunos, a maioria vem de famílias carentes. Por tanto, todo o momento que passei com eles, lembrava de meu passado, de quando era aluna e tinha meus sonhos. Ver eles lutando para conquistar seus objetivos, fiquei emocionada.

Figura 7 – Alunos do 3º ano do Ensino Médio na Casa Familiar Rural durante os estágios.

Fonte: Eudilene de Jesus Costa (2019).

Mediante os estágios colocamos em prática muito do que aprendemos em sala de aula nos Tempos Universidade no Curso de Educação do Campo, conhecimentos teóricos e saberes diferenciados proporcionados por uma educação de qualidade e diversificada.

Os professores que vinham ministrar as aulas no curso eram todos capacitados a um nível de mestrado e doutorado, as metodologias todas renovadas, proporcionando um mundo amplo de conhecimentos. Guimarães afirma que estar em um curso de ensino superior é:

> Conhecer os projetos de formação desenvolvidos nos cursos investigados, tendo como referência os saberes profissionais, vinculados e a identidade profissional que buscam desenvolver; evidenciar e analisar práticas individuais e coletivas que se manifestam como de sucesso para a formação de professores nesse curso, com o intuito de ampliá-las, a partir da teoria e apoiá-las. (2004, p. 20).

A Educação do Campo segundo Guimarães (2004), deve ter a identidade especifica das escolas do campo principalmente no que se refere à formação de professores. É nessa perspectiva, que o curso de Licenciatura em Educação do Campo foi trabalhado. Os professores que ministraram as disciplinas no referido curso tiveram à preocupação de preparar a turma para serem professores com habilidades voltadas para a realidade dos sujeitos do campo, com valorização da identidade e conhecimentos desses povos.

A partir dos conhecimentos adquiridos em Educação do Campo, hoje sou uma professora capacitada, com novas habilidades e podendo oferecer uma educação contextualizada a vida dos educandos.

Figura 8 – Turma de Educação do Campo, Linguagens e Códigos de Brasil Novo.

Fonte: Eudilene de Jesus Costa (2019).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é o sistema de organizar os valores sociais e pessoais, como as ideias, os conhecimentos, ou seja, a cultura de uma sociedade que agrega valores em diferentes fases do desenvolvimento da vida de cada um de nós (SOUZA, 2014).

Neste contexto, é importante ressaltar as fontes e as marcas das influências sofridas, das trocas realizadas com outras pessoas ou com as situações culturais. É importante também frisar, por outro lado, os próprios posicionamentos, teóricos ou práticos, que foram sendo assumidos a cada momento. Deste ponto de vista, o Memorial deve expressar a evolução, qualquer que tenha sido ela, que caracteriza a história particular do autor (SEVERINO, 2001).

De encontro com Severino, apresento um memorial com alguns momentos vivenciados. Momentos esses que pude olhar para trás e ver aonde cheguei.

Este trabalho me proporcionou relembrar de momentos vivenciados na infância, os anos iniciais na educação como aluna e em salas de aula do médio até o ingressar no curso superior de Licenciatura em Educação do Campo.

Recordo-me das dificuldades e os desafios que passei, dos momentos que pensei em desistir do ensino médio, outrora do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Para chegar até aqui, houve muitos obstáculos, muitas dificuldades para hoje estar tendo a oportunidade de poder descrever os grandes momentos vivenciados como ser humano que teve oportunidades e aproveitou todas que se fez necessário para o crescimento pessoal e profissional.

Os desafios existem para podermos superá-los. Hoje concluo este trabalho afirmando que houve muitas dificuldades para a elaboração, as leituras a digitação, as pesquisas bibliográficas, entre tantas outras, mas me proporcionou grandes conhecimentos científicos, e afirmo que os resultados foram positivos para a minha vida. No ensejo, afirmo ser grata a Universidade Federal do Pará que mediante aos professores de maior capacidade de conhecimentos científicos, instruiu-me com conhecimentos teóricos e práticas, aperfeiçoando a minha habilidade profissional.

Então, os esforços e os tempos dedicados durante esses quatro anos fazem parte de uma nova história. Hoje afirmo que sou uma vencedora e com sonhos realizados e tantas mudanças devo Universidade e todos os educadores desta instituição que não mediram esforços para formar pessoas leigas em pessoas melhores tanto pessoalmente quanto profissionalmente.

5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Davi. **Agricultura Familiar e o Serviço Social.** Editora Zoe, 2014.

Brasil. Ministério da Educação.Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI. **Educação do Campo: marcos normativos/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão** – Brasília: SECADI, 2012.

BRASIL. **Trabalhando Com a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília. 2006.

CALDART, Roseli Salete; KOLLING. Edgar Jorge. **Educação do Campo: identidade e políticas**. Brasília, DF: articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002.

COSTA, Eudilene de Jesus. Percursos de uma Educadora do Campo na Região Transamazônica, Brasil Novo, Pará. Trabalho de Conclusão de Curso - Artigo. Faculdade de Etnodiversidade do Curso de Educação do Campo, área de Linguagens e Códigos da turma do município de Brasil Novo Pará. Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira. Junho de 2019. Orientador: Professor Mestre Reinaldo de Souza Marchesi.

EVANGELISTA, José Carlos Sena. **O direito à educação no campo** - Superação e desigualdade. Curitiba. Appris. 2017.

GUIMARÃES, Valter Soares. **Formação de professores saberes, identidade e profissão.** Editora: Papirus Editora. 2004.

MENDES, Samya Nara- JurisWay. **Memorial descritivo**. 11 de maio de 2012

MOLINA, Monica Castagna. **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário.** 2006.

PEREIRA, Airton dos Reis. **Colonização na Transamazônica durante o Governo de Emílio Garrastazu Médici.** Universidade do Estado do Pará – UEPA. 2015.

PIZZANI, L. **A Arte da Pesquisa Bibliográfica na Busca do Conhecimento**. São Carlos, SP. 2012.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIG, Rosaura. **Memorial de formação quando as memórias narram a história da formação.** 2015,

ROCHA, Maria Isabel Antunes; Martins, Aracy Alves. **Educação do campo: desafios para a formação de professores.** Belo horizonte. Autentica editora. 2011.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 20ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SOUZA, Patrícia Cristina de. **A Educação Do Campo** – Belo Horizonte. 2ª EDIÇÃO 2014.

ZANELLA, Camila. **As Dificuldades Didáticas dos Professores Iniciantes e os Programas de Formação Inicial e Continuada para Docentes**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.